Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

BRASIL

VIAGEM AO BRASIL DESCONHECIDO

CLAUDIO BOJUNGA - FERNANDO PORTELA

EDITORA ALFA-OMEGA

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Os Mortos Resistentes

(Ou: os Waimiris-Atroaris do Brasil-Norte.)

Fernando Portela

Alegre família em aventura turística pela Amazônia. Manaus, a Zona Franca, uma festa de consumo. "Mas podemos ir a Caracas de carro. Vamos sim, à Venezuela." Dezembro, 1976. Alegre família toma a estrada. A selva, revoada de araras, que árvores enormes, tudo tão selvagem! Na região do rio Abonari, após quatro horas de viagem a uma média de noventa quilômetros por hora, alegre família é detida por solícito funcionário da Fundação Nacional do Índio (Funai).

— Sim...

— Esta é a região dos Waimiris-Atroaris. Por favor, fechem os vidros do carro (calor de 40 graus) que nós vamos acompanhá-los até passar o perigo.

— Mas os índios...

— Ninguém sabe o que eles podem fazer...

Família (alegre?) percorre 110 quilômetros, escoltada por um jipe da Funai, com dois funcionários ostensivamente armados. Tudo tão selvagem!

Este é o esquema organizado pela Funai para proteção aos usuários da estrada Manaus—Caracas, que deverá ser aberta ao tráfego até o fim deste ano.

I

No século XVII, eles foram surpreendidos pela colonização portuguesa que fundou a cidade de Manaus. Esse nome — Manaus — foi o primeiro roubo: eram assim que se chamavam, naquele tempo, os Waimiris-Atroaris. Nos séculos seguintes,

eles continuaram a ser surpreendidos: pelos brancos, que na selva procuravam o cacau, a borracha, o cravo e a canela; pelos aventureiros à cata de diamantes; pelos regateiros atrás de escravos (eles) e de mulheres (deles); pelo chumbo do fazendeiro, o delírio da pinga, a dor da fome, o sarampo mortal. Aí surgiu Brasília no centro do país: ela lhes concedeu terras e projetou estradas que invadiram essas terras. Os Waimiris-Atroaris começaram a resistir, massacrando seus protetores oficiais — padres e sertanistas. Mas, como resistir à tentação dos relógios e dos óculos *rayban*? Como resistir aos tratores a caminho de Caracas?

II

A guerra dos Waimiris-Atroaris está perdida.

A estrada Manaus—Caracas, que corta a reserva indígena, poderia não existir, ou seguir um outro traçado; a Funai, ser apenas um projeto; e o sistema de governo brasileiro ser contrário, até mesmo antagônico, ao que aí está.

Indigenistas, antropólogos, sertanistas e humanistas em geral, se tivessem poder para modificar alguma coisa, poderiam mesmo aumentar a reserva em milhares de quilômetros quadrados, e decretar a sua inviolabilidade. Mas mesmo assim a guerra estaria perdida.

É uma questão evidente de tempo, e pouco tempo: a guerra dos Waimiris-Atroaris não é contra uma estrada, essa BR-401, que se pretende indispensável ao nosso desenvolvimento comercial, industrial e turístico, com sua ligação à Venezuela.

A guerra é simplesmente contra um modelo de progresso, contra o dia-atrás-do-outro, o avanço inevitável do homem branco, em todas as direções, à procura de sobrevivência. Num raciocínio que nem chega a ser profundo, é a vida do branco, a vida oficial do país, contra um bando arredio de quatrocentas pessoas, atualmente, contando mulheres e crianças.

Tudo isso pode parecer desumano, cruel, criminoso, e alguém mais exaltado pode exclamar "genocídio!". Mas todos estão envolvidos, nesse processo (progresso) de destruição, não só dos Waimiris-Atroaris mas até dos índios da reserva do Xingu, cada vez mais atraídos pelas fazendas que se estão criando em volta da reserva (progresso, progresso), onde al-

guns já vivem como subassalariados miseráveis, sonhando em dominar, um dia, aquela máquina infernal que é o trator.

Os Waimiris-Atroaris já têm a sua reserva de 120 mil quilômetros quadrados (reserva, sempre um espaço delimitado, como um gueto) e as fazendas, e os tratores, e o subpatrão branco começam a se instalar às margens da Manaus—Caracas, cada vez mais perto deles.

A guerra está perdida, e se o raciocínio de alguns brancos, eventualmente humanitário, insiste em não aceitar o fato, os próprios Waimiris-Atroaris já demonstraram, inclusive com os seus tão noticiados massacres contra funcionários da Funai, que há muito pouco a fazer. Eles provaram também que são os índios mais espertos, insinuantes e respeitáveis já encontrados em toda a Amazônia.

III

Eles carregam uma tragédia antiga, desde 1669, quando os portugueses chegaram à confluência dos rios Amazonas, Solimões e Negro e foram logo erguendo a Fortaleza do Rio Negro. A tribo Manaus, milhares de índios pacíficos, se aproximou dos conquistadores, alguns se estabeleceram em volta da fortaleza, com suas famílias, e imediatamente tiveram suas mulheres violadas, seus caciques humilhados, e foram se contaminando de gripes e doenças venéreas, ou, simplesmente, eram assassinados por causa de uma pesca ou uma caça. O que sobrou deles, ali, foi apenas o nome da cidade. E começou o grande êxodo para o norte.

E andaram muito, enxotados por todo tipo de crueldade, com a memória dos seus fantasmas a repetir que o branco não era Jacunum Maré, como sua inocência havia pensado um dia. Todos, todos eram Jacunum Marupá, ou seja, ruins, perversos.

Hoje, por enquanto, eles se espalham nas suas malocas tipo guarda-chuva, ou disco voador, na região dos rios Alalaú, Abonari, Pretinho, Branquinho, e um pouco mais a leste, na Cachoeira Criminosa. Eram milhares, há quatro séculos. Eram mais de quinze mil, há dez anos. Hoje são quatrocentos. E resistem (ainda resistirão, amanhã?) porque o ódio faz parte das estirpes, e os fantasmas não os deixam em paz, como os brancos.

Quando começou o desmatamento na área do Alalaú e Abonari, precedendo a frente de trabalho da estrada, toda sob responsabilidade do 6.º Grupamento de Engenharia e Construções do Exército (6.º BEC), os Waimiris-Atroaris não deram muita importância ao movimento. Mas quando chegaram os primeiros tratores e motoniveladoras, foi um choque e uma festa.

Festa: desarmados, perplexos, encantados, os índios pulavam sobre as grandes máquinas, tentando movê-las. Choque: diante daqueles monstros de ferro, comendo terra com suas enormes bocas dentadas, ficou claro que a guerra estava perdida.

"Todos os brancos eles tratam igual. Da Funai, do Exército, qualquer um. Mas já pensou o medo que dá num índio desses, só de olhar a motoniveladora?"

É Sebastião Firmo falando. Ele agora é o responsável pela coordenação da frente dos Waimiris-Atroaris, dirigindo 85 homens, quase todo o efetivo da Funai na Amazônia, que possui 115 funcionários, entre sertanistas, antropólogos e servidores em geral.

IV

Papai Sebastião Firmo, o coordenador de frente Waimiri-Atroari, caboclo amazonense que convive desde criança com esses mesmos índios, 46 anos e quase o mesmo número de malárias, tem agora uma missão que promete executar, mas por absoluta piedade. Porque gosta de índio.

Primeiro será o responsável pela futura segurança da estrada, que estará pronta, até a fronteira da Venezuela, no fim deste ano, segundo os cálculos do 6.º BEC. Depois — e isso é que lhe dá tristeza — vai tentar salvar a novíssima geração Waimiri-Atroari, salvar, ou seja: integrá-la na chamada vida civilizada, fazê-la de gente, isto é, de branco, antes que o mundo, melhor dizendo, nós, acabemos de uma vez com esses índios.

O sertanista sabe, também, que a guerra está perdida e a única salvação é aderir ao inimigo. Sebastião Firmo é o intermediário entre o fim de uma cultura e a adoção de jovens gentios pelo progresso exterminador dessa mesma cultura.

"Ainda vou ver, se Deus quiser, um menino desses, um Waimiri-Atroari, dirigindo um trator, fazendo uma estrada."

Quanto aos velhos, não há salvação. É esperar a morte, confinados na sua reserva. Os velhos, que sofreram e dirigiram massacres, jamais se entregarão aos brancos. É o destino de Maroaga, chefe Waimiri, e do Capitão Comprido, chefe Atroari.

Na verdade eles são uma só tribo, a antiga Manaus, apenas dividida por uma luta interna pelo poder que Comprido, com seus 45 anos, certamente vencerá. Maroaga está com uns 70. Maroaga é o mais odiado pelos brancos. Enquanto Comprido, com seu cavanhaque esquisito, fica de longe, Maroaga é intrometido, aproxima-se dos brancos, dos trabalhadores da estrada, diz Jacunum Maré, Jacunum Maré (branco bom), enquanto vai-lhes tirando os óculos *rayban*, o chaveiro, o relógio, a pulseira. E uma eterna comichão, bem abaixo da cintura, o torna socialmente desagradável. Não gostam de Maroaga.

Também não gostam de Comprido, essa é a verdade. Deram-lhe a patente de capitão muito mais por respeito, medo, que por simpatia. Pois são esses dois e seus guerreiros, todos maiores de 21 anos, que Sebastião Firmo não tem esperanças de aculturar, adotar a lei do mal menor.

O policiamento da estrada é uma prova. Atualmente, a Funai está construindo postos de policiamento, isto é: o viajante que entrar na área dos Waimiris-Atroaris será detido por funcionários da Funai, bem armados, que o acompanharão, de jipe, como num Simba-Safari, até o fim da reserva. Atenção: levantem os vidros do carro! Atenção: cuidado com as crianças! Vamos viajar 110 quilômetros assim. Os índios podem aparecer!

E quando o movimento da estrada for intenso? Sebastião Firmo colocará um funcionário (bem armado, sempre) dentro, digamos, do ônibus turístico. Todos os vidros levantados! O Capitão Comprido já cortou cabeça de gente!

Hoje, neste momento, exatamente nesta área, interditada a qualquer um que não pertença à Funai ou ao BEC, 143 militares e 350 civis trabalham na construção da estrada. Há um movimento, assustador até para brancos, de rolos compactadores, motoniveladoras, tratores de todos os tamanhos. Os homens estão muito bem instalados, em acampamentos de madeira até mais confortáveis que certos hotéis de Manaus, onde se serve também uma comida ótima, impossível de se imaginar ali, no meio da selva. Os acidentes de trabalho resumem-se a cortes profundos em pernas e braços, picadas de cobra e sobretudo à malária, com dois a três casos por dia.

Preços? Ah, isso é segredo, quase um problema de Segurança Nacional. Mas informa-se que estão um pouco abaixo da tabela do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens. As chuvas diluvianas da Amazônia chegam a parar o serviço até por seis meses. Por isso nenhuma firma se atreve a reivindicar a construção dessas estradas. E por isso os BECs foram criados. Com relação aos índios, a resposta é a mesma, de soldados a oficiais:

"Olha: índio é problema da Funai".

O capitão-engenheiro Ivo Tavares, responsável pelos trabalhos na frente da estrada, repete isso sem se cansar. Um outro oficial já brinca:

"Quer ver índio? É só olhar os acampamentos de fiscalização da Funai. Olha pros caras: é a mesma coisa".

E imaginando um turista mais apressado que queira conhecer a Manaus—Caracas agora: se ele conseguir chegar a um desses postos de fiscalização (faça-se justiça: estão em fase de montagem), possivelmente dará a volta, horrorizado, pensando tratar-se de terríveis grupos Waimiris-Atroaris. Realmente, os funcionários da Funai não se preocupam muito com a aparência.

Os índios de verdade estão ali na selva, às margens da BR-174, observando todos os movimentos. Todos. Não foi por acaso, nem coincidência, que eles surgiram em frente à comitiva do ministro Dirceu Nogueira, dos Transportes, que visitava as obras, em janeiro de 1976. Eram: um índio, duas mulheres e três crianças, uma de colo.

A comitiva parou, atônita, e eles se retiraram suavemente. Eles sabiam que tinha branco importante por ali.

V

Agora dificilmente haverá massacres. Pelo menos de índios contra brancos. O que será, pensando bem, alguma frustração para uma certa imprensa, em especial a de Manaus, que sempre tratou os índios Waimiris-Atroaris como assassinos loucos. Compreensível: a estrada do comércio para a Zona Franca, ou das trocas com o mercado venezuelano, do turismo, não pode ser impedida por um bando cruel de selvagens. Nessa paixão, esqueceram-se de divulgar o outro lado dos massacres, o de brancos contra índios.

Sem contar o genocídio-mor da fundação de Manaus, os casos mais conhecidos são:

1) De um tempo que não se tem notícia até 1944, os Waimiris-Atroaris conviviam pacificamente com os brancos. Os comerciantes dos batelões (o pai de Sebastião Firmo era um deles) davam-lhes todo tipo de prendas, machados, terçados, em troca de peles de animais e até alguma comida. Mas um irresponsável, de quem não se guardou o nome, entrou nas roças dos índios, no Alalaú, e depredou tudo. Dois dias depois, um grupo de brancos amanheceu flechado às margens do rio. Era conhecido dos Waimiris-Atroaris. Como sempre, eles atraíram os brancos para algum lugar e tome flecha, terçado, borduna. Os Waimiris-Atroaris nunca matam de surpresa, de emboscada. Chamam os brancos para a morte. Maroaga, chefe Waimiri, comandou o massacre.

2) Doze homens viajavam, naquela mesma região e naquele mesmo ano, 1944, chefiados por um índio Tucano aculturado, de nome Esmeril. Esmeril entrou em contato pacífico com os Waimiris-Atroaris, conviveu dias com eles. Quando avisou que voltaria a Manaus, foi partido ao meio por um terçado. Os outros doze morreram de flecha.

3) Dois primos de Sebastião Firmo, Amazonino Freitas Sarmento e Inácio Freitas Sarmento, eram íntimos dos Waimiris-Atroaris. Caçavam juntos, uma festa. No dia da separação, às cinco da manhã, no fim do ano de 1950, a amizade acabou para sempre: flecha, terçado e borduna.

4) Em 1956, os Waimiris-Atroaris já tinham pegado fama de assassinos. Um grupo de seringueiros invadiu suas terras e matou setenta índios, sem poupar mulheres e crianças, numa manhã. Até um bandido venezuelano, Pedro Guerreiro, que resolveu se esconder numa das malocas, foi massacrado. Antes de morrer, gritou, de joelhos:

— Não me mate, senhor, que sou cristão também.

Suas últimas palavras.

(De 1956 até 1969, quando morreu o Padre Calleri e sua expedição, os índios só sofreram baixas. Seringueiros, posseiros e até comerciantes de batelões atiravam em qualquer índio que surgisse por perto.)

5) Caso do padre Calleri. Sebastião Firmo estava em contato com os índios quando recebeu a mensagem pelo rádio: vai um padre substituir você. Ele não gostou muito, foi para Manaus de lancha e já chegou lendo nos jornais: "Expedição Mas-

sacrada do Padre Calleri. Um sobrevivente". Soube-se, sem muita certeza, que o temperamento militar do padre, que teria imposto coluna por um aos índios, acabou com ele em uma semana. Nesse massacre, o Capitão Comprido já surgiu, comandando ao lado de Maroaga.

6) Segue-se um delírio de massacres, de ambos os lados. Os últimos, contra funcionários da Funai, entre os rios Alalaú e Abonari, acabou matando o sertanista Gilberto Pinto, tido como o melhor amigo dos Waimiris-Atroaris. A morte de Gilberto revoltou seus colegas da Funai, o pessoal do Exército, os jornais, o povo. Foi no dia 29 de dezembro de 1974.

Por que matam assim?, pergunta a ingenuidade geral. Sebastião Firmo, o atual coordenador da frente dos Waimiris-Atroaris, sabe evidentemente da resposta, mas quer conhecer os detalhes. Ele tem um trunfo e uma desconfiança: um indiozinho de 15 anos, a quem deram o nome de Raimundo, e que se tornou amigo íntimo do sertanista. O índio o segue para todo lugar. Sempre evitando dar as costas, Firmo procura aprender o idioma Waimiri-Atroari que até agora ninguém, nem o falecido Gilberto Pinto, que passou dois anos em contato com a tribo, conseguiu decifrar. Ninguém conseguiu.

Raimundo está aprendendo o português, que Sebastião Firmo lhe ensina. E com mais facilidade do que Firmo assimila o idioma índio. Na verdade, além de meia dúzia de palavras, Sebastião Firmo sabe que os Waimiris-Atroaris são monógamos (quem olha para a mulher de um índio desses leva uma cusparada na cara), trabalhadores, inteligentes e que passam oito dias dançando, sem enfeites, festejando não se sabe o quê. Alguns têm cavanhaque, a altura média é de 1m65, com exceção do Capitão Comprido que chega a 1m85, mais ou menos. Chegam a ser puritanos, não admitindo que os solteiros sequer olhem para dentro das malocas dos casados. Nas malocas vivem de quatro a cinco casais, separados por tabiques. Nada de troca de casais, comum em certas tribos.

Sebastião Firmo sempre os viu de cabelo curto e com um cipó amarrado à cintura, mais nada. Nem pintura, nem pena de arara na orelha, nem grito de guerra. Fazem suas flechas de metal, muito bem polidas, com exceção das que caçam pássaros, que são de madeira.

Sebastião Firmo está sobretudo consciente de que a sua missão principal é conter os mais velhos da tribo, para que deixem de matar os brancos. Afinal, ultimamente, os brancos

não têm morto os índios. De qualquer forma, Firmo não se descuida, pondo pelo menos quinze funcionários da Funai em cada posto. Já foi observado que, de uns anos para cá, os Waimiris-Atroaris só massacram quando há pouca gente reunida. Agora, há gente bem armada, e muita. Na eventualidade de um ataque, esse pessoal vai primeiro soltar uns foguetões, tentando assustar. Mas se isso não resolver, atira mesmo. Jamais confiar em Waimiri-Atroari, matar se necessário for.

O prático Sebastião Firmo sabe também que não tem muita chance de ganhar mais do que 4.500 cruzeiros por mês, enquanto um dos antropólogos da Funai, na Amazônia, recebe 18 mil cruzeiros mensais pela confecção de relatórios teóricos.

Mas o importante é aprender o idioma Waimiri-Atroari. Falando, quem sabe, a gente se pacifica. E para isso existe o menino índio Raimundo, talvez um bom tratorista do Exército daqui a uns anos, ou um autêntico soldado de guerra perdida, infernizado por fantasmas de quatro séculos que repetem em eco, endoidando sua cabeça:

Jacunum-Marupá! Jacunum-Marupá! Jacunum-Marupá!

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org